



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
COLEGIADO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS - LICENCIATURA

ELANE LIMA DOS SANTOS

A sexualidade à luz dos romances *Luxúria: A Casa Dos Budas*
Ditosos e *A Obscena Senhora D*

ELANE LIMA DOS SANTOS

A sexualidade à luz dos romances *Luxúria: A Casa Dos Budas Ditosos* e *A Obscena Senhora D*

Monografia apresentada ao Departamento de Educação, *Campus XIV*, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas - Licenciatura, como parte do processo avaliativo do componente curricular: Seminário Interdisciplinar de Pesquisa VIII (SIP VIII), ministrado pela professora: Obdália Santana Ferraz Silva.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Carvalho Valverde.

Conceição do Coité
2012

“o fato de falar-se do sexo livremente e aceita-lo em sua realidade é tão estranho à linguagem direta de toda uma história, hoje milenar e, além disso, é tão hostil aos mecanismos intrínsecos do poder, que isso não pode senão marcar passo por muito tempo antes de realizar a contento a sua tarefa.”

Michel Foucault

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus por me dar forças e sabedoria para chegar até aqui. A minha mãe, irmãos e amigos mais íntimos pelo carinho e incentivo oferecido. Agradeço também aos professores José Plínio, Eugênia Mateus, e principalmente ao meu orientador, Luiz Valverde, pela dedicação e competência com que conduziu a elaboração dessa monografia.

Sou grata a todos os professores, pois cada um, ao seu modo, marcou minha vida e contribuiu de maneira direta ou não para a minha formação acadêmica e elaboração deste trabalho. Agradeço a todos os meus colegas pelos conhecimentos e dúvidas partilhadas, pela cumplicidade e amizades construídas, enfim, pelos momentos enriquecedores e inesquecíveis que me proporcionaram.

A todos vocês: Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho propõe discutir a sexualidade, partindo das abordagens literárias para a realidade. Após analisar o comportamento das protagonistas das obras em destaque, e, apoiando-me, principalmente, em estudos históricos, tornou-se possível observar que a sexualidade como uma das principais formadoras da consciência psicossocial do indivíduo, vem sendo reprimida, controlada há séculos por diversos aparelhos ideológicos e de reprodução de poder como a Igreja, a Família e a Escola. Prescrições e crenças naturalizadas por sua permanência ao longo da história ainda influenciam o comportamento destas instancias, pois até os dias atuais percebe-se certo distanciamento em relação à temática da sexualidade, como se ela fosse algo antinatural, ou que deva ser evitado. De tal modo, os indivíduos, sobretudo os jovens são condenados a permanecer a parte de tudo que vier a envolver essa temática, tão importante na construção de suas identidades.

Palavras-chave: Sexualidade. Repressão. Adolescência. Igreja. Família. Escola.

ABSTRACT

This paper aims to discuss sexuality, starting with the literary approaches to reality. After analyzing the behavior of the protagonists of the works featured and supporting me, especially in historical studies, it has become possible to observe that sexuality as a major psychosocial forming consciousness of the individual, has been repressed for centuries controlled by various ideological apparatuses and reproduction of power as the Church, the Family and School. Prescriptions beliefs and naturalized by its permanence throughout history still influence the behavior of these instances, because until today perceives certain distance in relation to the issue of sexuality, as if it were something unnatural, or that should be avoided. In this way, individuals, especially young people are doomed to remain a part of everything that comes to involve this subject, so important in building their identities.

Keywords: Sexuality. Repression. Adolescence. Church. Family. School.

SUMÁRIO

INTODUÇÃO.....	08
1 LITERATURA E SEXUALIDADE: UMA ÍNTIMA RELAÇÃO.....	10
1.1 Ambivalências sexuais: um enfoque comparativo entre as personagens “C.L.B.” e “Hillé”	10
1.2 Sexualidade em <i>A obscena Senhora D</i>	14
1.3 A moral que aprisiona; em <i>Luxúria: A Casa dos Budas Ditosos</i>	15
2 AS RELAÇÕES DA SEXUALIDADE COM A FAMÍLIA, A IGREJA E A ESCOLA...19	
2.1 Igreja: entre os códigos morais e a sexualidade.....	19
2.1.1 O que diz a moral cristã sobre a sexualidade feminina?.....	22
2.2 Sexualidade, família e escola.....	23
2.3 As relações família e educação sexual.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Discutir a sexualidade é aborda-la em toda sua forma e conteúdo, porém essa tarefa é desafiadora, pelo fato da sociedade ainda ser bastante demarcada por crenças e imposições culturais. No entanto, os romances de João Ubaldo Ribeiro (1999) e Hilda Hilst (2001), apresentam aspectos pouco comuns, às vezes chocantes, às vezes irônicos, mas sempre provocadores, que revelam uma série de questões pertinentes à discussões em torno da sexualidade.

Historicamente, a civilização ocidental enfrentou períodos alternados de ascensão e declínio em sentido dos valores morais concebidos à sexualidade. Incontáveis foram as práticas repressivas que atuaram sobre essa temática.

Deste modo, a realização desse trabalho propõe analisar que aspectos contribuem para a perpetuação de práticas repressivas, deflagradas por instancias de reprodução e poder como a Família, a Igreja e a Escola, que sob o pretexto de defender a moral social deflagram modelos tradicionalistas caracterizados por ostentar regras e padrões, condenando comportamentos psicossociais e práticas individuais dos sujeitos.

Discutir as relações que a sexualidade estabelece nesses espaços é contribuir para o processo de formação da sexualidade dos indivíduos, sobretudo, dos jovens e adolescentes atualmente.

Sob essa perspectiva, a leitura dos romances *Luxúria: A Casa dos Budas Ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro (1999), e *A obscena senhora D*, de Hilda Hilst (2001), foi o passo inicial que despertou o interesse por esse objeto temático.

Baseada unicamente em pesquisas bibliográficas, essa análise teve início na Literatura, reviveu a história, para enfim, chegar à sexualidade nos dias atuais. A discussão em torno da sexualidade apoia-se inicialmente nos escritores Hilda Hilst (2001) e João Ubaldo Ribeiro (1999), também sob o suporte teórico de Joaquim Gonçalves Barbosa (1998), Zilá Bernd (1992), Ana Mercês Bahia Bock (2008), Eduardo Ponte Brandão (2010), Terry Eagleton (2003), Michel Foucault (1988), Stuart Hall (2006), Robert D Ney (2005), Imídio Giuseppe Nérici (1985), Karl Erik Schollhammer (2009), Tomaz Tadeu da Silva (2007), Ronaldo Vainfas (1992), entre outros, que dão subsídio teórico para as questões históricas e sociais abordadas no transcorrer do texto.

A partir desse estudo literário, histórico e social, intenta-se ao final compreender e explicitar como e por que a sociedade atual perpetua práticas repressivas em torno da sexualidade, mesmo tendo em vista a maior liberdade sexual no mundo contemporâneo.

1 LITERATURA E SEXUALIDADE: UMA ÍNTIMA RELAÇÃO

O presente capítulo propõe discutir as possíveis influências que a Literatura pode estabelecer na realidade. A discussão partirá das interdições que a sociedade impõe à sexualidade, sobretudo a feminina, como reflexos das influências pressupostas pela moral cristã. Conforme essa perspectiva, será realizada uma análise comparativa entre as personagens C.L.B e Hillé, respectivamente protagonistas das obras *Luxúria: A Casa dos Budas Ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro (1999), e *A obscena Senhora D*, de Hilda Hilst (2001), por acreditar que a Literatura seja um objeto eficaz na representação do ser, importante na formação das identidades, sobretudo pelo fato de estabelecer reflexões no âmbito sócio-histórico e cultural, possuindo o poder de transmitir sentidos, modificar consciências e promover análises que ampliam a sensibilidade do ser, tornando-o capaz de reforçar valores na sociedade.

1.1 Ambivalências sexuais: um enfoque comparativo entre as personagens “C.L.B.” e “Hillé”

Os escritores contemporâneos João Ubaldo Ribeiro; contista cronista e romancista baiano, e Hilda Hilst; poetisa, dramaturga e ficcionista pós-moderna, são respectivamente autores dos romances *Luxúria: A Casa dos Budas Ditosos* e *A obscena senhora D*. Essas narrativas serão mote da análise comparativa entre as protagonistas das referidas obras, pois ambas apresentam escritas com aspectos pouco comuns, às vezes chocantes, às vezes irônicos, mas sempre provocadores, que revelam uma série de questões pertinentes à sexualidade. Para Bernd (1992):

Só bem recentemente a literatura brasileira começa a operar a síntese – ainda inacabada – desse jogo dialético, associando o resgate dos mitos à sua constante desmitificação [...], [...] há um movimentar contínuo dos textos, o que equivale a um presente questionamento de si mesmo, como podemos constatar, por exemplo, na leitura dos romances de João Ubaldo Ribeiro [...]. (p. 18).

Em sua assertiva, Bernd (1992) compreende a recente visibilidade que escritores como João Ubaldo Ribeiro direcionam à temas que representam as vivências humanas, a constante demanda do auto-conhecimento, e da

desmitificação dos aspectos repressores. Essas tensões podem ser verificadas a partir da análise comparativa dos romances.

O romance de Ribeiro é segundo o autor, o relato aparentemente verídico de uma senhora de 68 anos cujas iniciais seriam C.L.B.. Esta personagem-narradora protagoniza a obra e surpreende o leitor quando afirma ser uma mulher à frente do seu tempo, descrevendo toda sua experiência sexual sem poupar qualquer detalhe.

Personagem com posicionamento semelhante protagoniza também a obra de Hilda Hilst. A escritora promove rupturas ao desnudar a sexagenária Hillé, que em busca do sentido das coisas passa a viver num vão de escada para esquivar-se do mundo a seu redor. O romance de Hilst apresenta uma escrita extremamente inquietante, que permeia a pornografia, e trata da sexualidade em toda sua forma e conteúdo.

Nas narrativas, há certa predominância das sondagens existenciais, fantasias intertextuais e exploração do erotismo que posiciona a sexualidade no campo das inquietações transcendentais, por necessariamente lidar com aquilo que é desconhecido e que o ser humano procura desvendar: Dessa forma, Foucault (1988), afirma que:

Vivemos todos, há muitos anos, no reino do príncipe Mangoggul: presa de uma imensa curiosidade pelo sexo, obstinados em questioná-lo, insaciáveis a ouvi-lo e ouvir falar nele, prontos a inventar todos os anéis mágicos que possam forçar sua discrição. (p.75).

De fato a humanidade se guia pelo desejo de desvendar questões existenciais: há uma constante busca de respostas para aquilo que não se conhece. Entretanto, nas obras em análise, as protagonistas assinalam o quanto a sociedade deturpa a sexualidade, recobre-a de pudores, preconceitos e repressões. Hilst (2001, p. 32) diz que para a personagem Hillé, “[...] não existe, na arte de amar, nada que seja antinatural. Todas as combinações são válidas no aprimoramento desse ofício que deve combater qualquer tipo de limitação.”. Conivente, a protagonista da obra de Ribeiro (1999, p. 16), revela-nos a pretensão de livrar-se destes aprisionamentos sociais ao afirmar: “eu quero soltar as amarras que ainda me pegam, eu quero ficar livre. Livre! Eu quero ser moderna!”.

Por outro lado, Foucault (1988, p. 109) explica que preconceitos e repressões estão arraigados na sociedade desde o decorrer do século XVII, pois já naquele período atuavam determinadas rupturas sobre o eixo da sexualidade, bem como:

[...] o nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquiva obrigatória do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem.

Contrapostas às afirmativas de Foucault (1988), assim como os relatos de C.L.B., o percurso de Hillé também é apresentado de forma desnudada e urgente; não há constrangimento nem censura para as personagens diante das questões mais chocantes e grotescas aparentes na narrativa.

No entanto, C.L.B. se mostra um pouco mais ousada em relação à postura de Hillé. Dentre os inúmeros relatos de experiências íntimas, a protagonista da obra de Ribeiro retrata o momento em que começara a descobrir a própria sexualidade e minuciosamente descreve sua iniciação na vida sexual:

[...] Então veio o estupro, um inegável estupro. [...] pareceu que um redemoinho me pegou, meus olhos só viam em frente, meus ouvidos zumbiam, e eu falei, levantando a saia e baixando a calçola:

- Chupe aqui.

Não me recordo do que ele respondeu de pronto, lembro que cuspiu para o lado e disse que aquilo não, nada daquilo. [...]

[...] Falei com energia e puxei a cabeça dele para baixo pela carapinha e empurrei a cara dele para dentro de minhas pernas, a ponto de ele ter tido dificuldade em respirar. Não me incomodei, deixei que ele tomasse um pouco de ar e depois puxei a cabeça dele de novo e entrei em orgasmo nessa mesma hora e deslizei para o chão. [...]

[...] É impressionante como eu fiz tudo isso logo da primeira vez, porque foi mesmo a minha primeiríssima vez, e eu nunca tinha visto nada, nem ninguém tinha de fato me ensinado nada, a não ser em conversas doidas com as outras meninas do colégio, [...] (RIBEIRO, 1999, p. 8-9).

No fragmento, C.L.B. revela uma das primeiras das muitas exaltações de sua sexualidade. Ousada e decidida, desde muito jovem ela sente o desejo de se autoconhecer e não poupa-se de tomar iniciativas em busca daquilo que a atrai: o novo, o desconhecido, aquilo lhe dá prazer.

Já em *A obscena senhora D*, apesar de também apresentar-nos alguns aspectos de sua intimidade, Hillé mostra certa resistência em desarmar-se contra o mundo externo. Por esse constante isolamento, sua residência é vista pelos vizinhos como a "Casa da porca", um lugar maldito, de uma mulher que transborda obscenidades e injúrias. Hillé vê nisso apenas um reflexo da decadência corpórea, ela prefere não sair de sua casa, o que equivale a não sair de si mesma. Em determinado momento é requisitado até mesmo um exorcismo para que se possam

expulsar os demônios Asmodeu e Astaroth que assolam aquele espaço profano e impuro, habitado por uma mulher igualmente possessa:

Senhora D, podia por favor abrir um pouco a janela? Só um instantinho, sabe o que é, é que tem um homem aqui que sabe fazer benzeduras, sabe o que é senhora D, espera um pouco, o homem tá dizendo [...]. (HILST, 2001, p. 67).

Hillé ou a *Senhora D* é alguém que aspira a uma transcendência, questionando sua própria existência e os papéis sociais que desempenha. A busca da narradora é constituída de árduas constatações, pois em face da idade, seu corpo já não desperta desejos, e ela passa a usá-lo em meio a gritos e insulto como instrumento de agressões à futilidade alheia. Hillé vive uma decadência física e moral, na mais absoluta solidão. E, impotente diante de tais questões, nega-se ao mundo externo, limitando-se ao seu universo interior. Há uma busca por algo que vai para além de si mesma, confrontando diversos conceitos reafirmados ao longo da história.

Hillé limita-se à constante negação do sexo, optando pelo reavaliar do amor e do desejo, em busca de uma conjunção maior e mais plena. Tais avaliações são proferidas, sempre à revelia do companheiro EHUD, que na narrativa provavelmente já encontra-se falecido. Em contrapartida, C.L.B. promove a busca do sexo efetivamente instintivo, almejando a inteira satisfação de seus desejos.

Em ambas as narrativas podem-se encontrar ainda dicotomias como “razão e imaginário”, “público e privado”, “repressão e desejo”, “consciência e inconsciência”, “juventude e velhice”. Tais dualidades serão experimentadas, sendo que as protagonistas subvertem, através de seus discursos, todas as construções estereotipadas que se inscrevem dentro da sociedade contemporânea. Assim, as obras de Ribeiro e Hilst utilizam o corpo e a sexualidade para revelar rupturas, firmar a autonomia, e reafirmar identidades.

1.2 Sexualidade em *A obscena Senhora D*

A obscena senhora D não foi a única obra de Hilda Hilst à violar o interdito imposto à sexualidade. Alguns anos após sua publicação, a escritora causou certo rebuliço no meio literário ao publicar a chamada trilogia obsceno-pornográfica, que enquanto narrativa erótica, também pressupunha a busca psicológica, a revelação e o mistério. Essa trilogia é composta por três livros: *Contos d'escárnio. Textos grotescos* (1990), *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990) e *Cartas de um sedutor* (1991).

Em *A obscena senhora D*, Hilst utiliza-se de uma escrita fragmentada, insólita, metamórfica, poderosa e desafiante para questionar sobre os papéis culturalmente estabelecidos durante a história da humanidade. Ela tece questionamentos essenciais e incômodos que trazem à tona uma gama de possibilidades, revelando temáticas que não protagonizam o discurso oficial. Exemplo disso é o destaque referido ao erotismo e à sexualidade no romance e no teatro da escritora. À medida que aumenta seu interesse pelas questões ocultas, assoma os aspectos sexuais como fator intrínseco a uma possível ascensão.

Diante das questões apresentadas por Hillé, protagonista da obra em análise, Hilst ressalta o caráter dialético entre as pulsões carnis expressas na sexualização do corpo e a intenção de transpor através do desejo erotizado as limitações humanas. Destarte, Silva (2007, p.15), entende que “O corpo é um dos locais envolvidos no esclarecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade - por exemplo, para a identidade sexual”.

Neste viés, a narrativa ficcional de *A obscena senhora D*, deve ser lida à luz de seu caráter transgressor em relação ao interdito imposto à sexualidade. Bock (2008, p. 241) reconhece que a interdição funciona como uma “lei social que se ancora na subjetividade ao marcar a repressão do desejo, seja dos impulsos agressivos, seja dos impulsos eróticos”.

Em contrapartida, Hillé aponta os desejos corpóreos como um fenômeno natural que age como peça fundamental no processo de significação de suas experiências. Entretanto, sabe-se que é ainda sob a imagem da impureza e/ ou da imoralidade que a sexualidade é inscrita em nossa sociedade, evitando assim, muitas vezes, o especular sobre aquilo que nos faz falar/ calar diante dos outros e de nós mesmos.

Falar de sexualidade – em forma e em conteúdo – é resultado da busca pelo sentido das coisas empreendidas pela protagonista sexagenária, Hillé, que ao se refugiar num vão de escada para se esquivar do mundo a seu redor, acaba por esbarrar na questão do corpo perecível, finito:

[...] queria te falar, te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nadas do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós, queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo.” (HILST, 2001, p.18).

Neste fragmento, a personagem permeia a ruptura seguindo por uma via transgressora, e conflui em uma concordância final, somente apreendida quando rompidas e compreendidas as interdições a seus anseios.

Deste modo, em sua narrativa, Hilda Hilst traz a representação da mulher cheia de medos e incertezas, que em alguns momentos revela a rejeição do próprio corpo, mas que, mesmo assim, busca a liberdade e a realização plena de si mesma.

1.3 A moral que aprisiona, em *Luxúria: A Casa dos Budas Ditosos*

“[...] Atraso, atraso, vivemos segundo regras e padrões para os quais nenhum ser humano foi feito e, claro, ficamos malucos por isso”. (RIBEIRO, 1999, p. 46). Neste fragmento, retirado do romance *Luxúria: A Casa dos Budas Ditosos*, a protagonista da obra, C.L.B., baiana de 68 anos, faz um relato do que seriam alguns dos pressupostos da moral cristã segundo seus conceitos. Dessa forma, demonstra indignação diante de uma sociedade que tenta podar a liberdade do sujeito através de “regras e padrões. Porém, no decorrer da narrativa C.L.B. desprende-se e desconstrói essa ideia de repressão da voz e dos atos ao revelar-nos toda sua experiência sexual; conta de forma explícita e hilariante as aventuras luxuriosas que viveu com todo o prazer e sem respingos de culpa; descreve as infinitas possibilidades do sexo acompanhado por falas obscenas, recorrentes na narrativa. O sexo é a mais pura manifestação ambivalente do prazer.

Do estupro ao incesto o romance de Ribeiro varre todas as modalidades de transgressão sexual que a mente humana é capaz de conceber. Além de exaltar em vários momentos a sexualidade, sobretudo a feminina, a narrativa vai para além dos limites e receios que vivem empareados à valores responsáveis por conduzir os indivíduos a repugnar seus desejos carnisais.

As experiências sexuais vivenciadas pela protagonista estão longe de ser compreendidas apenas como meros atos de erotismo, desejo e sexualidade. Na narrativa, nenhum tipo de luxúria é deixado de lado, todas elas são tratadas com a mesma simplicidade crua e sem culpas por C.L.B.. Brandão (2010, p. 61) entende que a luxúria representa a exaltação do “corpo e suas diferentes sensações”, bem como os “gestos, sentidos, prazeres, pensamentos, desejos, etc.”. Em falas da protagonista é possível identificar alguns desses aspectos:

[...] todas as mulheres - todos os homens, mas agora quero falar de mulheres - já sentiram e sentem um momento em que são puramente sexo e pulsam sexo por todos os lados e ficam com medo de si mesmas e se descontrolam e compreendem tudo sobre sexo e querem tudo, é uma sensação avassaladora de absoluta sexualidade. (RIBEIRO, 1999, p. 51)

Essa alusão ao desejo sexual desordenado e incontrolável segundo a Doutrina Católica, nada mais é se não a luxúria: um dos sete pecados capitais que consiste no apego aos prazeres da carne, desvio de costumes, sexualidade e sensualidade extrema. Vainfas (1992, p. 59) concorda e afirma que na “fala dos teólogos, luxuriosos eram todos os transgressores carnis: os que, fora do casamento, recusavam a castidade e os que, no seu interior, buscavam, antes de tudo, o prazer.”

Para Foucault (1984, p. 17), o Cristianismo associou essa busca do prazer “ao mal, ao pecado, à queda, à morte, [...]” Deste modo, é comum pensar em uma série de proibições ao se tratar da relação entre cristianismo e sexualidade. Sabe-se que a doutrina cristã ostenta um dos mais severos códigos de repressão sexual já inventado pelo Ocidente; um modelo austero e repressivo que, segundo Nye (2005, p.25), é formado por “um conjunto de regras e de regulamentos sobre sentimentos, pensamentos e ações corretas e incorretas”, e construído pelos teólogos medievais, diante das práticas permissivas e libertinas da Antiguidade Greco-latina. Essas práticas são por muitos denominadas de moral judaico-cristã e caracterizadas basicamente pela apologia do casamento monogâmico, seguido pela condenação absoluta do desejo e do prazer.

Na narrativa, C.L.B. deixa claro seu posicionamento em relação à visão moralizante do cristianismo em se tratar da condição monogâmica que impõe aos indivíduos quando revela: “[...] A bem dizer, fico com pena não só dessas mulheres

como dos homens em condição análoga, fico com pena de todos esses exclusivos de araque. Preferências, sim; exclusividade, jamais!”. (RIBEIRO, 1999, p. 46).

No fragmento, C.L.B. ilustra seu conceito de felicidade por meio do sexo livre, fora das categorias, inclusive das categorias masculino/feminino. Ela não aceita papéis definidos, isso fica expresso no próprio romance.

A narradora vai de encontro às demandas do patriarcalismo, que sempre teve a seu favor instrumentos como o Estado e a Igreja Católica, com seus sermões e manuais de comportamento. Destacam-se por estabelecer a recusa do prazer, do conhecer a si e ao próprio corpo, principalmente no que diz respeito à sexualidade feminina.

Foram séculos de repressão, durante os quais a supremacia do Cristianismo calou e subjugou a mulher. Essas intervenções muito contribuíram para a “educação” feminina. Historicamente, elas cumprem demandas e papéis que lhes são impostos pela sociedade patriarcal. Assim, sob a perspectiva dos interesses machistas/religiosos, criaram-se modelos e estabeleceram-se padrões de comportamento, a fim de sustentar a virilidade masculina e garantir a hierarquia entre os sexos. Em contrapartida, por meio da narrativa, a protagonista de *A casa dos Budas Ditosos* busca libertar o sujeito de preconceitos e representações arraigadas na sua situação histórica, e revela o desejo de se livrar das amarras impostas pela sociedade ao longo dos séculos:

[...] já estou cansada de não dizer o que me vem à cabeça e olhe que nunca fui muito de agir assim, mas o pequeno grau em que fui já é demais para mim.
Ainda me restam alguns penduricalhos desse legado imbecilóide, de que tenho de me livrar antes de morrer. (RIBEIRO, 1999, p. 2-3).

A partir da trajetória narrativa de C.L.B., é possível depreender que a literatura, assumindo sua condição de exercício artístico, traz temáticas que permitem uma multiplicidade de olhares capazes de promover um extenso desnudamento de valores. Assim, nas obras em análise destacou-se os aspectos relacionadas à sexualidade tão silenciada em várias épocas.

Entretanto, a discussão das narrativas junto à realidade não objetiva desprezar o que se concebe como moral, mas questionar, talvez, as instâncias de repressão e poder perceptíveis no mundo contemporâneo. Procura-se, ainda,

destacar as lutas para libertação da sexualidade, possibilitando assim a conquista da independência e da e auto-afirmação do sujeito.

2 AS RELAÇÕES DA SEXUALIDADE COM A FAMÍLIA, A IGREJA E A ESCOLA.

Entender os caminhos percorridos pelas diferentes opiniões sobre a sexualidade torna-se tarefa difícil se dermos atenção a toda a trajetória histórica e social pelo qual esse tema esteve exposto. A sexualidade, na civilização ocidental, teve momentos de ascensão e declínio, alternados ao longo dos séculos. Os aparelhos ideológicos e de reprodução de poder como a Igreja, a Família e a Escola foram decisivos para a imagem que foi sendo criada a respeito da sexualidade até hoje.

2.1 Igreja: entre códigos morais e a sexualidade

No capítulo anterior, a personagem CLB, de *A Casa Dos Budas Ditosos*, apresenta um posicionamento contrário às divergências existentes entre a Igreja e a sexualidade. Para ela, a sociedade vive em atraso por seguir regras e padrões impostos há séculos pelos teólogos medievais, que defendiam determinados modelos moralizantes de recusa e interdições reinterpretados e adotados gradualmente pelo cristianismo.

No entanto, o comportamento pessoal/sexual da protagonista da obra de Ribeiro (1999), caminha em via contrária ao que prega esse modelo moralizante. CLB revela que foi educada para obedecer às doutrinas católicas, mas ao final do discurso reafirma seu posicionamento contrário as prescrições da Igreja:

[...] eu também fui criada como católica, tinha aulas de catecismo, fiz primeira comunhão vestida de organdi branco, só falava o estritamente necessário na sexta-feira santa, só comíamos peixe toda quinta-feira e assim por diante. Mais ainda, fui criada para considerar os protestantes gatinha e ficava com raiva de Lutero, que me parecia a feição do demônio, nos livros de História Geral. Levei um certo tempo para me livrar dessa estupidez [...](RIBEIRO, 1999, p. 02).

Nesse fragmento, CLB não só demonstra o quanto discorda das imposições da Igreja Católica, como também visibiliza uma discussão que não cabe apenas à ficção; em outros trechos da obra, a protagonista posiciona-se de maneira semelhante em relação às práticas dessa instituição, assim, permite-nos questionar

o porque da Igreja ainda hoje demonstrar certa resistência à respeito de temas relacionados à sexualidade, manifestar pouco interesse em compreender as particularidades da sociedade ocidental, e, sob o pretexto de defender a moral social, ostentar modelos tradicionalistas em que regras e padrões condenam comportamentos e práticas individuais, com o propósito de inibir a sexualidade.

O poder regulador da Igreja funciona em nossa sociedade há séculos. Para Foucault (1984) ele é capaz de reprimir tudo que considerar energias inúteis; bem como a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares. Deste modo, o autor conclui que “essa repressão está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas, pesa sobre o sexo de maneira tão rigorosa, que uma única denúncia não seria capaz de libertar-nos.” (1984, p. 15).

Foucault (1984, p.26) ainda acrescenta que o trabalho só pode ser longo, pois a Igreja defende um conjunto prescritivo de regras denominado de “código moral”, o qual demarca “valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas etc.”

Por outro lado, nota-se que atualmente tanto a família quanto a escola caminham pouco a pouco ao lado da evolução social, ainda que à passos lentos. Já a Igreja não demonstra querer de forma alguma se modernizar conforme as mudanças sociais. Deste modo torna-se pertinente salientar: Que condicionamentos influenciaram a Igreja a reproduzir doutrinas repressivas a respeito da sexualidade até hoje, mesmo com toda a modernidade na qual a sociedade se afirma?

Para tentar compreender a relação conturbada entre esses dois eixos importantes na formação social do indivíduo, é conveniente buscar respostas na história antiga.

Nos primeiros séculos, até a queda do Império Ocidental, foram comuns as interferências dos bispos romanos – autoridades apostólicas na Roma Antiga – na determinação do que era certo e errado no comportamento íntimo das pessoas, eles implantavam doutrinas que achavam convenientes serem seguidas por todos:

Recomendavam, de diversas formas, a renúncia ao prazer carnal, incluindo aí o ato conjugal. Propunham métodos, mais ou menos organizados, para o exercício dessa renúncia, vista como condição indispensável para a ascensão da alma [...] (VAINFAS, 1992, p. 20).

Assim, a sexualidade era considerada inerentemente e eternamente pecaminosa, ao ponto de ser reduzida ao nível procriativo. Segundo Brandão (2010, p. 48) caso ela “fugisse a esse modelo estaria fora das leis da natureza humana e dos planos da Criação.”

Naquele período, o Estado também interferia nos assuntos eclesiásticos. Através dos tribunais ou nas práticas de sermões a Igreja comunicava suas ideias sobre o sexo, principalmente no que se referia ao amor marital heterossexual, defendido como única forma lícita de expressão da sexualidade.

Os primeiros sacerdotes cristãos condenavam moralmente o sexo como parte de uma estratégia que visava impor e manter o controle sobre o povo. A iniciativa de determinar o que é lícito ou ilícito, ou seja, o que deveria ser obedecido pela sociedade surgiu há séculos, não exatamente entre os séculos III e IV – período em que a Igreja consolidava os primeiros estatutos e penitenciais eclesiásticos – mas, do tempo dos Apóstolos até hoje, pois, como assegura Vainfas (1992, p. 81) desde aquela época “o cristianismo estimulou diversas manifestações morais acerca do sexo”.

Em busca do controle moral da sociedade, a Igreja penetrou nos espaços mais íntimos das pessoas, procurando moldá-las conforme suas ideologias, e, dentre outras imposições dogmáticas, defendia o “Casamento estável, fidelidade conjugal mútua, ênfase na dependência recíproca, redução do prazer ao leito conjugal, sentido de procriação”. Vainfas (1992, p. 23).

A doutrina cristã expunha a dignidade do corpo humano como exemplo máximo da obra de Deus, e, como na Idade Média, a sexualidade era vista como pecado, sacrilégio, volúpia, devassidão, luxúria, a Igreja determinou que todos esses pecados deveriam ser confessados. Segundo Brandão (2010, p. 36), naquele período:

[...] o sexo era colocado em pauta na confissão cristã enquanto suporte das relações matrimoniais e a partir da divisão lícito-ilícito. Ou seja, a técnica espiritual de confissão era regida por códigos explícitos que, em geral, prescreviam regras e recomendações às práticas sexuais dos cônjuges.

Nesse contexto, Vainfas (1992, p. 85) destaca que “a problemática cristã da carne”, expressa nos tratados morais do século XII em diante, era “múltipla em suas expressões, original e obsessivamente ligada ao seu ideal de renúncia,

manifestando-se através da recusa do prazer, que era admitido somente no casamento”, ou seja, o sexo só deixaria de ser pecado caso fosse praticado dentro dos laços do matrimônio, subordinado, e com o objetivo exclusivo da procriação. Deste modo, todos os pecados que ameaçassem a família e a instituição matrimonial eram punidos pela igreja através de castigos e penitências.

Variassem de lugar pra lugar, penitenciais e estatutos possuíam em comum a mesma preocupação com a vigilância dos atos e do prazer; um ideal que se adaptou às ambições do clero, dos nobres e dos reis. Assim consolidou-se a moral social da Igreja Católica.

É importante assinalar que a moral cristã não foi constituída de forma homogênea e imóvel. Em diferentes períodos da história, e em diferentes nações, a visão social sobre a sexualidade transitou entre interesses e ideologias opostas ou articuladas, conforme atendiam à pressupostos das instâncias de dominação e reprodução da sociedade. Em destaque a Família, a Igreja, e o Estado.

2.1.1 O que diz a moral cristã sobre a sexualidade feminina?

A questão da sexualidade feminina nessa sociedade tradicional também foi bastante discutida, pois se tornou extremamente controlada pelos dogmas da igreja, que pregavam que as mulheres, esposas e mães de família, só poderiam realizar o ato sexual no intuito da procriação. Segundo a igreja, o sexo prazeroso, o gozo feminino, estava ligado ao pecado, assim, a mulher deveria ser casta e frígida. Seu contato com o marido seria apenas o de manter e garantir a linhagem patriarcal da família, ou seja, apenas o homem tinha direitos no que se refere ao prazer do sexo. Segundo Vainfas (1992, p. 44-5), o Antigo Testamento “já impunha a abstinência da mulher”, e “recomendava a purificação do corpo.” Brandão (2010, p. 36) acrescenta que na Idade Média as regras mais estritas eram mantidas entre homens e mulheres: havia uma “certa abstinência, sobretudo, sexual, exigida na população”. Ainda conforme o autor, naquele período “surgiram várias instituições dentro do cristianismo católico e que tiveram importantes efeitos na regulamentação da sexualidade” (2010, p. 34), principalmente ao que se refere à sexualidade feminina.

Os ensinamentos religiosos pregavam a consolidação do homem como poder maior sobre a família, que deveria estar subordinado às leis divinas, para fugir das

ameaças que a mulher representava, inclusive, para sua própria prole. Em outras palavras:

[...] o masculino era situado ao lado da razão, ao passo que o feminino era posto ao lado das paixões. Fonte de desordem, o feminino devia ser mantido na tradição cristã sob o crivo das leis rígidas do casamento, sob o risco de, em caso contrário, abalar o corpo social. (BRANDÃO, 2010, p. 51).

Restringida ao ambiente familiar, a mulher vivia, numa situação de escrava doméstica exemplarmente obediente e submissa. Sua existência justificava-se por cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa e servir ao chefe da família com o seu sexo. O casamento e a maternidade eram as principais funções femininas, para as quais eram moldadas. A fidelidade, a passividade e a castidade eram os requisitos essenciais para a configuração da mulher ideal - esposa e mãe assexuada. A essas constatações, de como se configurou o ser feminino, Vainfas (1992, p. 47) acrescenta que reafirmava-se a “ submissão da mulher, fazendo-a representar no ato um papel supostamente passivo que se lhe atribuía de antemão” .

Infelizmente o tratamento das mulheres como instrumentos de prazer dos homens são tão antigas quanto à própria história. A crença de que elas servem apenas para a satisfação masculina e para comandarem a cozinha ainda fazem parte do contexto ideológico defendido pela sociedade atualmente. Esse modelo se mostra bastante presente se observarmos o comportamento de algumas famílias ainda hoje.

2.2 Sexualidade, família e escola

A escola tem grande importância no completo da educação sexual dos seus alunos - se entendermos a família como primeira instância responsável sobre esse processo. Também é dela o papel de informar, discutir e criar mecanismos para orientar e fazer com que informações sobre a sexualidade sejam abordadas de forma simples, criativa, séria e envolvente. Dessa forma, com o apoio da família, ela possibilitará aos jovens a oportunidade de eliminar suas dúvidas e esclarecer questionamentos relacionados ao sexo, livre de preconceitos, e o melhor: a partir da educação sexual na escola.

No entanto, falar sobre sexo não é tarefa fácil. Ainda hoje isso provoca certos constrangimentos em alguns grupos, a depender do contexto social e familiar ao qual essa temática seja incitada. Estimular discussões sob esse viés pode ser tarefa arriscada se assumida unicamente pela escola, uma vez que tal iniciativa pode levar os organismos a dar determinadas respostas pelo fato de já estarem ajustados “aos seus ambientes por meio de equipamentos hereditários e pela formação de hábitos”. Bock (2008, p. 58).

Importantes aspectos comportamentais, na sociedade atual foram influenciados por heranças culturais dos antepassados. Das gerações anteriores surgiram crenças, doutrinas e valores morais dos quais o indivíduo jamais deveria se desviar.

Se por um lado, a postura de controle passada de geração para geração garantiu às instancias de poder certo domínio dos corpos sociais, inibindo o desencadear de propostas voltadas a educação sexual na escola, por outro lado, sem uma consciência de percepção das necessidades psicossociais do homem moderno, a sociedade jamais atenderá às demandas conforme as condutas individuais em constante transformação.

Sob essa perspectiva de transformação das condutas individuais, Hall (2006, p. 7) acredita que “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. O autor ainda acrescenta que a identidade é algo determinante para todos, pois ela “Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados [...]”. (2006, p. 9).

Sabe-se que construção da identidade é imprescindível para que o indivíduo se afirme socialmente. Contudo, esse indivíduo depende, sobretudo, da ação familiar e também da atuação educativa oferecidas nas instituições escolares. Pois escola é o espaço onde se constrói o conhecimento formal e sistemático sobre o mundo, possibilitando ao cidadão a capacidade de enfrentar os desafios propostos pela sociedade. Segundo Nérici (1985, p.7), a escola possui o compromisso de:

[...] capacitar o indivíduo a agir conscientemente diante de situações novas da vida, com aproveitamento da experiência anterior, tendo em vista a integração, a continuidade e progresso sociais, segundo a realidade de cada um para serem atendidas necessidades individuais e coletivas.

Por outro lado, o autor acrescenta que apesar de a escola ostentar um modelo que representa, em parte, tanto o social quanto o individual, ambos compreendem aspectos limitados da realidade humana, pois evidenciam somente as necessidades individuais e sociais que precisam ser atendidas, a fim de se garantir a sobrevivência dos dois.

Em presença da gravidade dos problemas sociais que os cidadãos, principalmente os jovens, enfrentam, a escola jamais deve ficar indiferente, pelo fato de a estrutura desses indivíduos ainda ser frágil para ter discernimento suficiente no ato da escolha de qual atitude tomar e não se prejudicar em situações perigosas. Educadores primordiais como os professores, são quem darão as instruções para resolução de tais problemas. Entretanto Nérici (1985, p. 7), afirma que a educação vem sofrendo “distorções de natureza biológica, psicológica, filosófica ou sociológica”, o que acaba por prejudicar “o principal ator no palco da vida, que é a criatura humana na sua individualidade, no seu relacionamento com seu semelhante e a natureza”.

Além dos problemas identificados anteriormente, outra preocupação são os equívocos ao conceituar a instituição “Escola”. Alguns pais a consideram como se fosse a extensão da família, não pela sua importância e função social, mas por transferirem para os professores a responsabilidade que é sua de fato. Segundo Bock (2008, p. 271), “Hoje, a escola ocupa grande parte da vida de seus alunos. Ensina técnicas, valores, ideais, ou seja, vem cada vez mais substituindo as famílias na orientação para a vida sexual, profissional, enfim, para a vida como um todo.”

Percebe-se que há uma grande ligação entre família e escola, e que em algumas situações seu papel na formação dos indivíduos acaba por se confundir. Para Guareschi (2008, p.116), “O ideal seria que as instituições todas trabalhassem unidas, interligadas, numa colaboração mútua.”, ou seja, com escola e família trabalhando juntas, o maior beneficiado seria o jovem que dela necessita para sua formação psicossocial.

Segundo o autor, muito ainda pode ser feito para que situações como essas possam tornar-se concretas: se a vivência familiar tomar consciência de que suas práticas inibidoras fazem parte de um sistema cognitivo de controle dos corpos sociais, ela poderá estabelecer a prática de novas relações. Dessa forma, Guareschi (2008, p.116), adverte que “em cada situação institucional é necessário que se

estabeleça a luta para a transformação das relações básicas do sistema, e o surgimento de diferentes práticas de vida, democráticas e dialogais.”

Nos dias atuais urge a necessidade de família e escola se entenderem melhor e comecem um novo processo educacional valorizando os princípios de cada um. Elas devem responder por seus atos e não deixar a inversão de valores sociais devorarem crianças e adolescentes, pois ambas tem o compromisso de organizar a experiência cotidiana e pessoal destes indivíduos. Pois, sabe-se que:

[...] o verdadeiro educador é aquele que é capaz de praticar uma páscoa, isto é, morrer a seus critérios, a seu esquema cognitivo, a seu esquema lógico, sempre que entrar em contato com o educando, para poder depois, com o educando, ressuscitar numa nova relação de vida e liberdade (GUARESCHI, 2008, p.109).

Desse modo, a parceria família e escola é fundamental na orientação e formação sexual dos estudantes que, embora não demonstrem, têm necessidade de informações e do amparo.

Aos pais e educadores que se comprometem com o desafio da orientação sexual, cabe a tarefa de nortear os jovens sobre a prática responsável do sexo, em uma das fases mais complexas de suas vidas: a puberdade; período em que ele descobre valores e a própria identidade.

Uma vez que família e escola assumem suas responsabilidades perante a formação do sujeito, precisam conquistar, interagir, e dar liberdade para o adolescente esclarecer suas dúvidas referentes à sexualidade possibilitando que ele se torne um adulto saudável e equilibrado.

Porém, muitos pais e professores acreditam que não estão devidamente preparados para assumir certas responsabilidades na formação dos jovens. Outros, não reconhecem a necessidade de informação/prevenção que eles apresentam em relação à suas sexualidades. Há ainda aqueles que reparam veementemente qualquer tipo de diálogo a respeito do sexo e suas vertentes, por ignorância, ou simplesmente por ainda serem influenciados pela educação incidida por seus antepassados.

No entanto, se a relação entre pais, professores e alunos for estabelecida de maneira firme e confiante de respeito e amor, a educação sexual poderá ser transmitida de forma mais fácil e significativa a partir da troca de conhecimentos.

Nesse sentido, Bock (2008, p.199) afirma que assim como a biologia, medicina, antropologia, sociologia e a história contribuíram para uma melhor compressão do “fenômeno da repressão sexual”, tanto a escola quanto a família poderão favorecer análises do modo de perceber a sexualidade na contemporaneidade.

2.3 As relações família e educação sexual

Sabe-se que assim como a Igreja, a Escola e a Família, são espaços importantes de formação e fortalecimento das convicções, valores e responsabilidades do indivíduo. No entanto, por ser uma das mais antigas instituições sociais, esta última tem papel indispensável no desenvolvimento social e identitário de jovens e adolescentes. Segundo Bock (2008):

É na família que se concretiza, em primeira instância, o exercício dos direitos da criança e do adolescente: o direito aos cuidados essenciais para seu crescimento e desenvolvimento físico, psíquico e social. (p. 238).

À medida que a família se renova e diversifica-se, surgem sempre novos questionamentos e estudos visando diferentes formas de abordar esse espaço íntimo, concreto que vivencia afetos, vínculos, valores e culturas, ao mesmo tempo em que testemunha o surgimento de temas polêmicos, como é o caso da educação sexual, uma temática que tem sido cada vez mais questionada pela sociedade contemporânea.

A formação da sexualidade do sujeito depende em grande parte da educação sexual que a ele é oferecida. Através dela é possível educar jovens e adolescentes a partir do esclarecimento das dúvidas a respeito da responsabilidade particular de cada um, quando esses decidem conhecer sexualmente seu corpo. Visto que, é principalmente na puberdade que acontecem inúmeras transformações, tanto físicas como psicológicas, as quais exigem que o indivíduo se adapte de forma rápida à sua nova condição.

Desse modo, nota-se que é principalmente na adolescência - fase de descobertas e curiosidades para viver as novas experiências - que a educação sexual se faz mais importante na vida dos jovens. Uma orientação correta como conversas sobre assuntos sexuais, em geral, são importantes para que se amenize

a ansiedade dos adolescentes, procurando evitar que, futuramente, estes, ansiosos para iniciarem a vida sexual e viverem suas experiências, acabem praticando o sexo de forma irresponsável.

É importante que a família compreenda sua real responsabilidade educativa em relação aos jovens, considerando também a educação sexual como caminho possível. Deste modo, o seio familiar pode tornar-se a verdadeira fonte do diálogo e da confiança na vida de todos, na formação e educação dos filhos e, sobretudo, no que se refere à educação sexual.

Entretanto, Pessah (2009, p. 138), avverte que “o sexo é uma categoria social impregnada de política, política e conduta que são profundamente arraigadas em nossa cultura e que manifesta o aspecto mais elementar de poder.”. Ao ponto que, instâncias de poder, importantes e decisivas na sociedade, como a Escola e a Igreja, também atuem sobre essa problemática.

As relações básicas estabelecidas entre as instituições de poder citadas anteriormente influenciam direta ou indiretamente na estrutura familiar, fazendo com que, conscientemente ou não, ela acabe por assimilar e reproduzir valores sociais aos quais estão expostas, conseqüentemente formar cidadãos de acordo com as necessidades do sistema. Guareschi (2008, p. 111) concorda quando diz que, ao examinar as práticas da grade maioria das famílias, “percebemos que elas reproduzem relações de poder da sociedade em que vivem”, por muitas vezes não se darem conta do quanto então sendo usadas; ao tornarem-se verdadeiras marionetes nas mãos do sistema dominante.

Percebe-se que o posicionamento familiar na sociedade atual permanece preso a barreiras hereditárias impregnadas de ideologias, a serviço do controle e do poder. Desse modo, conforme Foucault (1988, p.15) é de se esperar “que os efeitos de libertação a respeito desse poder repressivo demorem a se manifestar”, ou marque passo por muito tempo antes de realizar uma tarefa satisfatória.

Um dos maiores obstáculos a impedir essa libertação, é o fato de muitos ainda acreditarem que desconhecer a respeito da sexualidade seja questão de integridade moral, de maneira a submetê-la a um complexo jogo de prescrições moralizantes, que Segundo Foucault (1984), ao:

[...] serem transmitidas de maneira difusa, e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituem um jogo complexo de elementos que se

compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitido, assim, compromissos ou escapatórias. (p. 26).

O seio família compreende esse contexto de compromissos e escapatória, pois, conforme Millot (1987, p. 38), ela impõe demandas que inibem os indivíduos, e “se assegura, segundo as exigências da sociedade burguesa, da castidade dos adolescentes” sem se darem conta das consequências que podem desencadear sobre a vida sexual posterior de cada um deles.

Caso as determinações da família não sejam atendidas, para assegurar o sucesso desse controle, ela ameaça reter o amor que conferem ao jovem “infrator”. Segundo Nye (2005, p.14), desta forma a sociedade “inicialmente representada pelos pais e depois por outras pessoas influentes na vida da pessoa” se assegura de que os jovens rejeitem os desejos que a sociedade julgar errados e imorais.

Foucault (1988) compreende que, conforme os valores demarcados pela sociedade, a sexualidade deve ater-se nos limites do quarto dos pais, pois fora dele, as atitudes são encobertas, ocultam os corpos, e o discurso é purificado pela decência das palavras.

Por outro lado, Guareschi (2008, p. 116) acredita que “em cada situação institucional é necessário que se estabeleça a luta para a transformação das relações básicas do sistema”, e assim se assegure o surgimento de práticas mais democráticas e dialogais na vida das pessoas. Nesse sentido, o autor adverte que:

A única atitude plausível, coerente, seria tentar estabelecer um diálogo com o jovem e que o diálogo implicava numa igualdade de posições: um ao lado do outro, respeitando cada um o saber do outro e, através da pergunta e questionamento, tentar compreender o esquema lógico existente em cada uma das partes (GUARESCHI, 2008. p.113).

No fragmento acima, observa-se a importância da revisão da consciência familiar em sentido de mudança nas práticas inibidoras do diálogo entre pais e filhos, no sentido da educação sexual. Pois atitudes como estas são capazes de transformar jovens e adolescentes em sujeitos responsáveis, reflexivos, formadores de opiniões, e conscientes de seu papel diante dos valores da sociedade.

A sexualidade, posta sobre os novos padrões da conduta sexual, exige enfoques multidisciplinares para sua compreensão. Uma vez que está posicionada

na fase da adolescência, ela torna-se algo que confunde e desorienta tanto a família quanto os educadores.

O desafio de transformar a educação sexual em algo reconhecidamente positivo e necessário é tarefa árdua, requer quebra de conceitos e pré-conceitos. No entanto, se alguma medida não for tomada para desencadear esse reconhecimento a sexualidade vai continuar entre as sombras e sob o controle das instancias ideológicas de poder, o que não dará espaço para que aja a conscientização mais eficaz, principalmente dos jovens e adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise literária e estudo teórico, pode-se concluir que a sociedade representada por aparelhos ideológicos de controle e poder como a Família, a Igreja e a Escola, ostentam modelos tradicionalistas, em que regras e padrões condenam comportamentos e práticas individuais, sob o pretexto de defender a moral. As práticas de controle hereditárias, garantiram às instancias de poder certo domínio dos corpos sociais até hoje, inibindo o desencadear de propostas voltadas à sexualidade. Dessa forma, esses aparelhos asseguram que a sexualidade permaneça nas sombras, à espera de uma oportunidade de ser reconhecida como fator importante na construção identitária dos jovens.

Destarte, para que os indivíduos libertem-se das amarras impostas por esses sistemas prescritivos, é necessário que haja uma revisão de valores tanto sociais quanto morais, com o propósito de que essas instituições se deem conta da importância de adotar mecanismos de orientação, como a educação sexual, nas igrejas, nas escolas e, principalmente, no seio familiar. Assim facilitaria a conscientização das gerações imediatas, face às novas experiências, fazendo com que elas tenham maior controle sobre si e sobre seu real papel diante do mundo em constante transformação.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Multirreferencialidades nas ciências e na educação**. São Carlos: UFSCar, 1998.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BRANDÃO, Eduardo Ponte. **Nem Édipo nem Barbárie Genealogia dos Laços entre Aliança e Sexualidade**. Curitiba: Juruá, 2010.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 15ª ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 10ª ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. 7ª ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro- 11ª.ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HILST, Hilda. **A obscena senhora D**. São Paulo: Globo, 2001.
- NEY, Robert D. **Três psicologias: idéias de Freud, Skinner e Rogers**; Tradução Robert Brian. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- NÉRICI, Imídio Giuseppe. **Educação e ensino**. São Paulo: IBRASA, 1985.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **A Casa Dos Budas Ditosos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Vozes 2007.
- VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão**. 2. Ed. São Paulo: Editora Ática 1992.